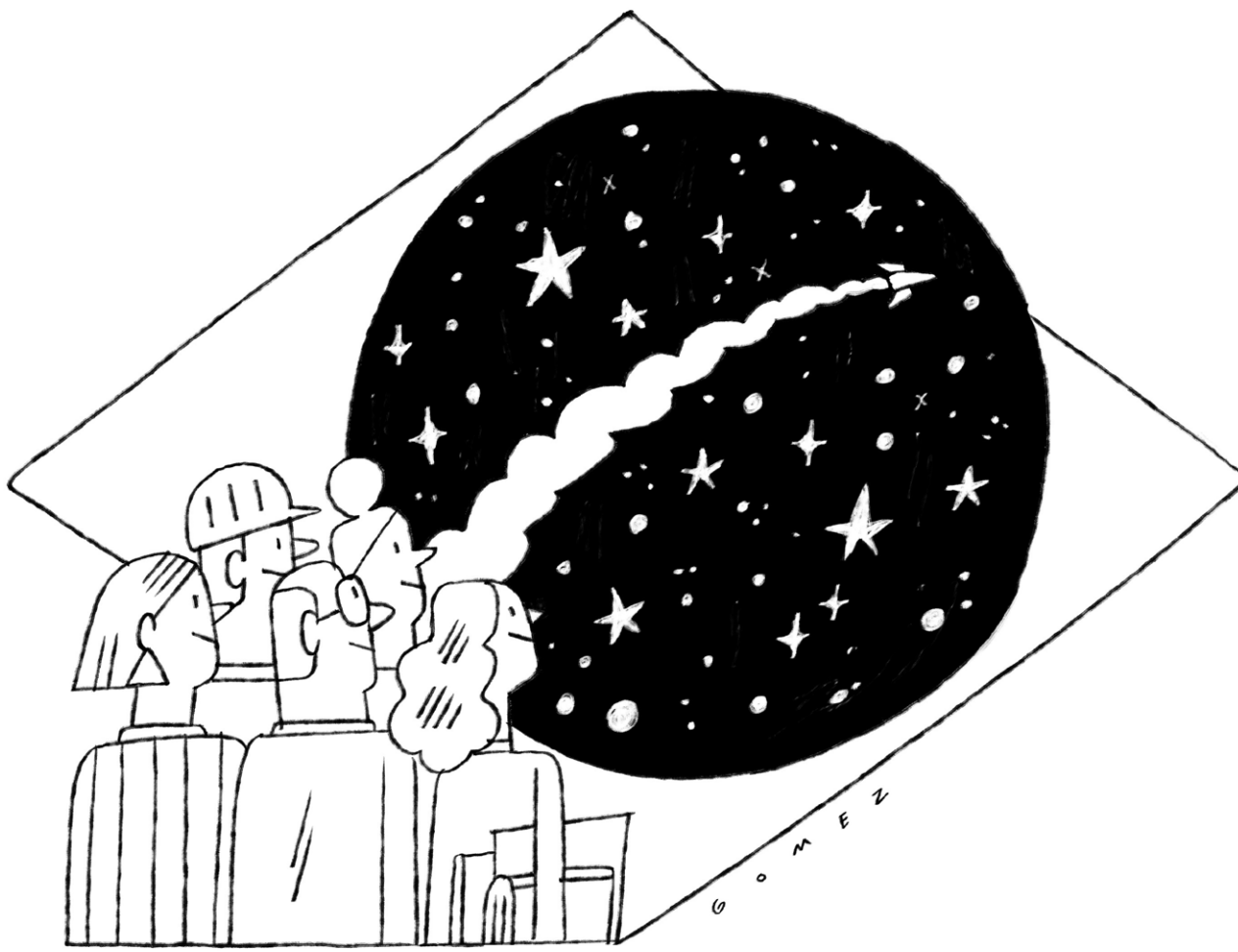


O que cabe ao Brasil na nova corrida espacial?

» EMERSON GRANEMANN

CEO da MundoGEO e idealizador do SpaceBR Show 2023 – Exploração espacial e novas oportunidades de negócios
O que cabe ao Brasil na nova corrida espacial?

Tudo o que envolve o setor espacial é superlativo. Os números falam. A Euroconsult, empresa de consultoria que atua nesse segmento, apontou que o valor da economia espacial global em 2022 atingiu US\$ 464 bilhões, o maior da história. E esse montante seguirá crescendo a uma taxa constante até chegar a US\$ 737 bilhões no início da próxima década.

Isso se deve a investimentos pesados na exploração espacial — vide a missão para a Lua e futuramente para Marte —, mas também à quantidade de empresas que se instalaram nesse setor. O acesso ao espaço ficou muito mais fácil e barato nos últimos anos, por causa dessas companhias privadas e suas tecnologias disruptivas, como é o caso da SpaceX. Junto com ela, vieram tantas outras que estão possibilitando que cargas de todos os tipos e tamanhos sejam lançadas no espaço a um custo impensável há poucos anos.

Para dar vazão a essa demanda, só no ano passado foram realizados 186 lançamentos em todo o mundo, segundo a Bryce Tech, consultoria que acompanha o mercado de satélites. Ou seja, a cada dois dias um foguete é lançado, levando consigo sondas, satélites, smallsats,

artefatos científicos e, claro, astronautas e cientistas.

Vale destacar que os smallsats, aqueles que pesam menos de 600kg, de acordo com a definição da Bryce Tech, já têm uma representatividade significativa nos lançamentos. Ao todo foram levados ao espaço 2.304 desses equipamentos em 2022, em 108 lançamentos, atingindo 54% da massa total das cargas lançadas no período. Esses pequenos satélites, aliás, foi o que permitiu que mais empresas entrassem nesse setor, seja no desenvolvimento deles, seja puxando companhias para lançá-los e operá-los.

Mas qual é a fatia do Brasil nessa indústria que não para de crescer? Hoje ela é praticamente inexistente, exceto por alguns poucos satélites desenvolvidos no país e lançados a partir dos Estados Unidos, nos últimos anos. A realidade, porém, poderia ser bastante diferente, se os diversos atores desse setor no Brasil trabalhassem de forma realmente integrada para gerar oportunidades de negócios. Isso quer dizer que universidades, institutos de pesquisa, governo e empresas privadas têm potencial para fomentar e criar uma indústria espacial local que de fato seja relevante em termos mundiais.

Um dos caminhos para o Brasil se inserir no mercado espacial é por meio de empresas e startups, assim como ocorreu em outros países, nos quais a iniciativa privada passou a ter um protagonismo nessa nova corrida espacial, comumente chamada de New Space. Sim, os governos seguem tendo grande participação, especialmente em termos financeiros, na contratação de serviços, mas são as empresas privadas que têm suprido essa demanda pública e também criado oportunidades independentes do recurso governamental.

O setor espacial sempre dependeu de recursos públicos e ainda há uma corrente que defende que esse deve ser o caminho principal. Entretanto, ele estará sempre sujeito a marés políticas e programas de governo, não a políticas duradouras que fomentem a indústria espacial e que consigam manter em funcionamento constante e não dependente de alguns breves momentos de notoriedade.

Há no Brasil uma ebulição no setor privado espacial, com a criação de diversas startups, especialmente devido à vocação aeroespacial que a Embraer vem forjando desde a década de 1960 e que transformou São José dos Campos em importante centro de pesquisa e de desenvolvimento nessa área.

O cartel está de volta

» ADHEMAR S. MINEIRO

Economista e pesquisador do Instituto de Estudos Estratégicos de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (Ineep)

O anúncio pela Arábia Saudita, no começo de abril, de que ela e os países da Opep reduziram a oferta mundial de petróleo em cerca de 1 milhão de barris por dia impactou diretamente os preços internacionais de petróleo e derivados. A medida foi seguida da reafirmação pela Rússia de que manteria seu corte de março, de 500 mil barris por dia, até o fim do ano. A iniciativa saudita não é uma novidade e, combinada com o anúncio russo, sinaliza claramente: o cartel está de volta e disposto a evitar a queda dos preços. Tais dinâmicas colocam para o Brasil o desafio de construir uma nova estratégia de inserção no mercado global de óleo e gás, para não ser um mero receptor das turbulências de preços do mercado global.

O anúncio saudita se seguiu a flutuações dos preços ocorridas no mês anterior. Primeiro, os mercados registraram uma queda nos preços de referência por avaliações negativas sobre o cenário internacional. A subida das taxas de juros, o agravamento da situação financeira e instabilidades no sistema bancário ampliaram os temores de uma crise mais aguda, e voltaram os fantasmas da crise de 2007/2008. Na sequência, houve a intervenção dos bancos centrais, sinalizando que buscariam evitar o acirramento da crise, o que começou a tranquilizar e mudar os humores dos mercados.

O anúncio de que a China interromperia sua política de lockdowns se revelou positivo para o futuro econômico. A partir dessas análises sobre o cenário econômico, os mercados internacionais de petróleo e derivados foram impactados, e os preços do petróleo recuperaram uma trajetória ascendente.

O que a reação do cartel no começo de

abril apontou é que os principais países produtores não estão dispostos a serem personagens sem protagonismo, deixando os preços guiados pela demanda. Cumpririam seu papel de tentar influir e determinar os preços. A combinação com a Rússia, que não é membro da Opep, também foi um sinal importante, já que o isolamento russo é uma política dos EUA neste momento.

Outro fato geopolítico importante foi a distensão entre Irã e Arábia Saudita sob o patrocínio da diplomacia chinesa. A Arábia Saudita tem sido um histórico pilar dos interesses estadunidenses em todo o Oriente Médio, e a redução da tensão de suas relações com o Irã sinaliza uma possibilidade de mudança de ventos diplomáticos e políticos na região.

Segundo o Oil Market Report, de 13 de abril, a Arábia Saudita lidera a produção de petróleo entre os países da Opep, com uma produção de cerca de 10,5 milhões de barris por dia. Entre os países de fora da Opep, a Rússia se aproxima de 10 milhões de barris por dia. Nos mercados de derivados (produtos refinados), os EUA lideram, mas a China vem crescendo rapidamente sua capacidade de refino. Temos assim a produção de petróleo bruto e a de refinados claramente cartelizadas, com grandes países representando parcelas expressivas da produção internacional.

E o Brasil com isso? Bem, os movimentos recentes mostram que os principais produtores e consumidores vão tensionar e buscar influenciar os patamares dos preços do petróleo e seus derivados. O Brasil é um importante produtor de petróleo (3,3 milhões de barris por dia, em fevereiro último), mas com uma participação pequena, embora

crecente, no mercado global, e que não tem condições de influenciar os preços internacionais. Os movimentos internacionais, entretanto, mostram o caráter estratégico do petróleo, e dinâmicas geopolíticas globais, mesmo com o avanço no desenvolvimento de fontes renováveis. Sem dúvida, as disputas sobre o preço do petróleo continuarão no centro da agenda.

Além disso, o Brasil, hoje, tem uma política de preços internos para os derivados de petróleo bastante passiva, que expõe os consumidores nacionais às flutuações no mercado internacional. Revisar essa política é necessário e urgente. Outro elemento central nesse debate é a política de longo prazo do país para o seu parque de refino. Haverá expansão da capacidade de refino ou não? Vale lembrar que os investimentos nesse segmento são de longa maturação, o que reforça a urgência de uma política estratégica assertiva para enfrentar a atual grande dependência brasileira de importação de alguns derivados, apesar de sua autossuficiência na produção de petróleo.

Os movimentos do mercado internacional de petróleo e derivados nos alertam, mais uma vez, que está mais do que na hora de tomar a política de preços e produção nesse setor como uma variável estratégica para o desenvolvimento nacional, o abastecimento interno e a segurança energética brasileira no curto, médio e longo prazos. É preciso fortalecer uma política setorial que pense para além dos movimentos de curto prazo e que associe a política de preços, abastecimento, exportação (de petróleo) e importação (de derivados) à agenda da transição energética. Afinal, quem não tem uma estratégia é parte da estratégia de alguém.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Contradições e bizarrices

É preciso observar que tanto o globalismo como a Nova Ordem Mundial formam praticamente um único elemento desse conjunto que pode designar o que seria o nascimento de um mundo distópico, regido por um comando central que a tudo e todos controlaria com uma espécie de mão de ferro invisível.

Por sua definição, globalismo vai muito além de uma simples interligação de redes de comunicação, como querem fazer crer, mas abrangeria, em seus meandros, uma visão de mundo e uma ideologia em que o poder central e o governo de fato não estariam mais centrados em cada país, mas, ao contrário, obedeceriam à um comando único que controlaria todas as nações e decretaria o fim da soberania nacional.

O globalismo, segundo seus teóricos, visaria à abolição de quaisquer traços de tradições culturais, substituindo-as por uma espécie de governança transnacional. Um exemplo dessa nova visão integrativa de mundo e que pode, por sua capacidade de centralidade de decisões, prejudicar aspectos internos da cultura e das tradições de cada país.

Por exemplo: Pelo Brexit, a Inglaterra pôs fim ao excessivo controle exercido pelo Parlamento Europeu, em Bruxelas, sobre seu território, abandonando o Bloco e todas as pretensas benesses desse grupo, em nome da soberania nacional, se livrando, segundo afirmou um de seus defensores, de uma espécie de controle neomarxista existente naquele parlamento. A pandemia, segundo alguns desses teóricos da conspiração, seria apenas um ensaio para o advento do que viriam a ser novas ondas globais e contínuas de viroses, cada vez mais letais, propositalmente operadas para arruinar política, econômica e socialmente as nações, deixando-as inertes e em busca de uma solução que viria por meio de um governo mundial, formado pelas grandes corporações e outras forças ocultas.

Para os nacionalistas, o globalismo é algo que deve ser combatido em sua origem.

Essa e outras questões hodiernas não deixam de inquietar os pensadores atuais, por suas contradições e bizarrices. Dentre essas questões que navegam por entre essas redes etéreas, como cardumes de peixes luminosos, têm destaque as chamadas teorias da conspiração, um universo infinito de histórias que, mais e mais vem despertando uma imensa onda de curiosidades em todo o mundo. Não apenas por seu conteúdo fantástico, mas pelo que concentra em possibilidades reais de vir a ser. E não é para menos. Em meio a um oceano de informações de todo o tipo, há que extrair, aqui e ali, alguns fatos que contêm em si elementos verdadeiros da mais pura realidade objetiva, mas que, pelo teor falsamente ficcional, são prontamente afastados e rotulados de teorias da conspiração.

Há, entre esses inúmeros temas, um que, embora marcado como teoria da conspiração, merece ser mais bem analisado, mesmo em pinceladas rápidas, por trazer em seu enredo alguns elementos que vão, aos poucos, se encaixando na realidade cotidiana de todos. Esse é o caso específico da denominada Nova Ordem Mundial. Pelo sim, pelo não, algumas redes vêm, abertamente, censurando esse tema, assim como outro termo, derivado da palavra globalização, que é o globalismo.

» A frase que foi pronunciada

“A perplexidade é o início do conhecimento.”

Khalil Gibran

Adrenalina

» Leitor nos envia um vídeo de um protesto de motoqueiros em frente a um restaurante na 214 Norte. Estavam com os ânimos exaltados e o dono do restaurante foi impedido pela esposa de partir para a briga. Veja as imagens no Blog do Ari Cunha.

Fica a dica

» Viram que a quermesse do Templo Budista e do Clube Nipo é um sucesso e resolveram aumentar o espaço para uma nova festa. Caríssima a entrada, caríssima a comida e os japoneses passaram ao largo. Nem na cozinha, nem no caixa. A Festa do Japão no Parque da Cidade precisa melhorar.

Geomarketing

» Um transtorno a entrada para o Zoológico de Brasília. Nada de pagamento em cartão ou pix. Mas há um vendedor de água estrategicamente localizado, que dá em dinheiro o que receber em pix. A única condição é que lhe comprem a água.

Desleixo

» Na 315 comercial, um ferro na calçada oferece um perigo tremendo aos pedestres, principalmente crianças e idosos. Com a ponta afiadíssima apontada para frente, pode causar danos sérios aos mais distraídos. Veja as fotos no blog do Ari Cunha.

» História de Brasília

Assim, os apartamentos serão entregues aos funcionários que integrem divisões completas, para a transferência de uma vez, e não parceladamente. (Publicada em 20.03.1962)